

DEVIR E DESEJO EM VIDAS SECAS**BECOMING AND DESIRE IN VIDAS SECAS**

Rodrigo Moreira de Almeida

Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo

Resumo: este artigo procura demonstrar, a partir da análise do romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e da consideração de sua fortuna crítica, que o vaqueiro Fabiano e sua família, personagens principais da obra, manifestam um devir-animal e vinculam-se ao que os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari denominam como “concepção idealista do desejo”. Seguindo a maior parte da crítica, concordamos que esses traços mantêm os personagens passivamente submetidos à opressão natural e social do ambiente, do qual só podem sair pela evasão. No entanto, argumentamos também (contra a posição hegemônica da crítica) pela existência de aspectos positivos no devir-animal dos personagens, que permite a eles resistirem ao ambiente inóspito da caatinga e, assim, criarem novas formas de existência. Por sua vez, isso supõe também uma outra relação com o desejo, que não é apenas de evasão, mas de intervenção na realidade, o que mobiliza os personagens para fora do ambiente da caatinga.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; Gilles Deleuze; Félix Guattari; devir; desejo

Abstract: this article seeks to demonstrate, from the analysis of the novel *Vidas secas*, by Graciliano Ramos and from the consideration of its critical fortune, that the cowboy Fabiano and his family, the main characters of the work, manifest a becoming-animal and link themselves to what philosophers Gilles Deleuze and Felix Guattari denominate “idealistic conception of desire”. Following most of the criticism, we agree that these traits keep the characters passively submitted to the environment’s natural and social oppression, from which they only can leave by evasion. Nonetheless, we also argue (against the hegemonical position of criticism) for the existence of positive aspects in the becoming-animal of the characters, which allows them to resist the inhospitable environment of the Caatinga and, thus, create new forms of existence. In turn, this also assumes another relationship with desire, which is not only one of evasion, but of intervention on reality, which mobilize the characters out of the Caatinga’s environment.

Keywords: Graciliano Ramos; Gilles Deleuze, Félix Guattari; becoming; desire.

Recebido em 20 de março de 2023.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023.

Em carta a sua esposa Heloísa Ramos, datada de maio de 1937, Graciliano Ramos comenta sobre um conto que escreveu tratando da morte de uma cachorra, Baleia. A intenção, em suas próprias palavras, era “adivinhar o que se passa na alma duma cachorra” (apud MIRANDA, 2004, p. 42). O conto, mais tarde, se transformou em capítulo do romance *Vidas secas*, em que Baleia passa a fazer parte de uma família

(composta pelo vaqueiro Fabiano, por sua esposa sinha Vitória e pelos dois meninos, denominados simplesmente como “Menino mais velho” e “Menino mais novo”), em torno da qual giram as ações da narrativa.

Essa tentativa de “adivinhar o que se passa na alma de uma cachorra” marca uma inflexão inédita na obra de Graciliano Ramos. Pela primeira vez, os animais são colocados no mesmo nível dos demais personagens e, como eles, também possuem uma “interioridade”:

[...] a presença da cachorra Baleia institui um parâmetro novo e quebra a hierarquia mental (digamos assim), pois permite ao narrador inventar a interioridade do animal, próxima à da criança rústica, próxima por sua vez à do adulto esmagado e sem horizonte. (CANDIDO, 2006, p. 149)

Isso demanda do escritor uma atitude diferente: não se trata mais de representar uma realidade verificável, de ser um “intérprete mimético” (2006, p. 149) da “interioridade” de uma criatura que não pode expressá-la pela linguagem. Trata-se de transportar para a literatura uma realidade que, não sendo verificável, só poderia ser *criada* a partir de uma aproximação. Dessa forma, o escritor assume uma posição limítrofe que, para usar a terminologia do filósofo Gilles Deleuze, manifesta um *devenir*:

Devenir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população [...]. Quando Le Clézio devém-índio, é um índio sempre inacabado, que não sabe “cultivar milho nem talhar uma piroga”: mais do que adquirir características formais, ele entra numa zona de vizinhança. (DELEUZE, 1997, p. 11-12)

Como afirma Deleuze, o *devenir* não é uma imitação: não se trata de representar mimeticamente um índio, mas de produzir uma “zona de vizinhança” com o índio. Da mesma forma, Graciliano Ramos não imita a interioridade de Baleia, mas produz um misto de relato de observador externo e “monólogo interior” da cachorra:

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente sinha Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo. Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes. (RAMOS, 2007, p. 91)

No entanto, não é apenas na forma da narração que se manifesta o *devenir-animal*. Também os personagens apontam para esse *devenir*, pois a família da qual Baleia faz parte é um bloco

único, sem que haja diferença entre ela e os humanos¹, já que ambos se movem num horizonte limitado de experiências, restrito ao “resíduo indigerido da atividade cotidiana” (2006, p. 64).

Em geral, a fortuna crítica de *Vidas secas* compreende de forma negativa esse devir-animal de Fabiano, de sua esposa e de seus filhos. Estando à mercê dos reveses naturais, eles estariam num estágio primitivo, em que o homem ainda não se separou da natureza e, portanto, estaria submisso a ela, como afirma Antonio Candido: “Fabiano ainda não atingiu o estágio de civilização em que o homem se liberta mais ou menos dos elementos.” (2006, p. 66). Ao mesmo tempo, a resignação também se apresenta mediante uma relação com o desejo que, na maior da obra, se manifesta apenas sob a forma de evasão, pela transformação da realidade desoladora em “fantasia compensadora” (BOSI, 2003, p. 31). O devir-animal e a evasão, portanto, seriam traços do conformismo e da resignação presentes nos personagens diante do esmagamento imposto pela natureza e pela sociedade.

No entanto, este artigo pretende demonstrar não apenas a existência de aspectos positivos no processo de devires não humanos² de Fabiano e de sua família, mas também que a relação dos personagens com o desejo não se manifesta apenas pela projeção de fantasias. Antes disso, porém, cabe analisar mais a fundo os traços que mostram a submissão dos personagens ao meio natural e social em que vivem, começando pelos aspectos negativos do devir não humano.

1. Aspectos negativos do devir não humano

¹ Isso comprova a pertinência do conceito de “devir” para analisar a animalização dos personagens em *Vidas secas*. Com efeito, o devir é uma relação que não é unilateral, como a relação original/cópia, mas que afeta reciprocamente ambas as singularidades envolvidas, como aquela que se estabelece entre a vespa e a orquídea mencionadas por Deleuze e Guattari em *Mil platôs*: “A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem, um decalque de vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se desterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 26). Assim, da mesma forma que os humanos devém-animais, Baleia devém-gente, pois ela “era como uma pessoa da família, sabida como gente” (2007, p. 34).

² Preferimos o termo mais amplo “devires não-humanos” pela existência não apenas de um devir-animal em Fabiano e sua família, mas também de um devir-planta, como será visto a seguir.

Na caracterização de Fabiano, de sua esposa e de seus filhos, é possível notar não apenas uma grande dificuldade com o uso da linguagem, mas também uma verdadeira zoomorfização de seus corpos, dois traços já bastante explicitados pela fortuna crítica do romance. Affonso Romano de Sant’Anna (1990), por exemplo, em sua análise estrutural do romance, afirma que a “zoomorfização” e a “linguagem” são alguns dos motivos mais frequentes na obra. Partindo de outra perspectiva interpretativa, Málder Dias Ramos também chama atenção para essas características: “Esse [de *Vidas secas*] é um caminho para o massacre do caráter humano, também visto na dificuldade concernente ao uso da linguagem de Fabiano e na zoomorfização dele e de sua família” (RAMOS, 2009, p. 260). É o que se percebe na descrição de Fabiano, presente no capítulo que leva seu nome:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se agüentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. (2007, p. 20, grifos nossos)

Como o marido, sinha Vitória também se comunica por sons guturais: “[s]inha Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto” (2007, p. 10); “[s]inha Vitória aprovou esse arranjo, lançou de novo a interjeição gutural, designou os juazeiros invisíveis” (2007, p. 11). Já o Menino mais velho tem a linguagem tão escassa quanto a do papagaio que acompanhava a família:

Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender. (2007, p. 57).

Esse devir-animal revela frequentemente não apenas a posição sub-humana de Fabiano e de sua família, mas também a resignação com essa condição, a ausência de vontade para mudar a situação precária em que se encontram: “Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos” (2007, p. 18); “Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia.” (2007, p. 24)³. Como consequência, o

³ Notar aqui a ambiguidade do termo “cabra”, que designa tanto um indivíduo mestiço quanto um animal. “Ser cabra” designa, ao mesmo tempo, uma posição de servidão (pois a mestiçagem marca a diferença social entre o vaqueiro e os “brancos”) e de animalidade.

devir-animal de Fabiano se manifesta numa atitude de subserviência a seus senhores, aproximando-o de um cachorro:

Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos? (2007, p. 97)⁴.

Em alguns momentos, Fabiano até se rebela contra a situação, mas a revolta não consegue se articular por falta de linguagem, o que impede também sua possibilidade de realização: “Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos... nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares.” (2007, p. 35). Novamente, é possível perceber a relação entre a ausência de linguagem (e, por conseguinte, o devir-animal) e a apatia de Fabiano. Por outro lado, esse traço aparece associado também a um devir-planta, já que a reapropriação da linguagem é a forma encontrada por outra personagem, sinha Vitória, para superar a apatia diante da seca: “[s]inha Vitória precisava falar. Se ficasse calada, seria como um pé de mandacaru, secando, morrendo.” (2007, p. 120).

No entanto, o devir não humano não é o único traço que revela a resignação dos personagens a sua condição. O fato de que a insatisfação dos personagens, ao longo da maior parte da obra, se manifeste apenas mediante a evasão também os coloca numa situação de apatia, como será visto a seguir. Para usar os termos de Deleuze e Guattari (2010, p. 41), Fabiano e sua família manifestam uma “concepção idealista do desejo”, que se efetiva como produção de fantasmas e, com ela, uma atitude de conformismo.

2. Desejo e conformismo

Incapaz de transformar sua revolta em ação consciente, Fabiano desloca seu desejo por transformação para a imaginação. No capítulo “Cadeia”, por exemplo, a revolta chega a se esboçar na mente do vaqueiro, mas é inibida pelas responsabilidades sociais diante da família:

⁴A mesma atitude pode ser percebida em Baleia: “Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro palmas” (2007, p. 89)

Agora Fabiano conseguia arranjar as idéias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Sem aqueles cambões pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como onça e faria uma asneira. Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarelo. Não. O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos dele. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a idéia que lhe fervia na cabeça. Mas havia a mulher, havia os meninos, havia a cachorrinha. (2007, p. 37)

Essa tendência à evasão é uma constante no romance: de modo geral, pode-se dizer que o vaqueiro e sua família reagem à opressão econômica, política e natural projetando alhures o desejo que não pode se afirmar aqui e agora:

A lua estava cercada de um halo cor de leite. Ia chover. Bem. A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, sinha Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde. (2007, p. 15)

A fazenda renasceria — e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo. [...] Uma ressurreição. As cores da saúde voltariam à cara triste de sinha Vitória. Os meninos se espojariam na terra fofa do chiqueiro das cabras. Chocalhos tilintariam pelos arredores. A catinga ficaria verde. (2007, p. 16)

A mesma relação com o desejo aparece nos personagens Menino mais novo e Menino mais velho. No primeiro caso, a tentativa fracassada do caçula de imitar o pai, montando num bode, é compensada pela esperança de ser, no futuro, como Fabiano:

Quando fosse homem, caminharia assim, pesado, cambaio, importante, as rosetas das esporas tilintando. Saltaria no lombo de um cavalo brabo e voaria na catinga como pé-de-vento, levantando poeira. Ao regressar, apear-se-ia num pulo e andaria no pátio assim torto, de perneiras, gibão, guarda-peito e chapéu de couro com barbicacho. (2007, p. 53)

Já para o Menino mais velho, a realidade triste da criação doméstica violenta é remediada pelo ambiente agradável da fazenda, tornado maravilhoso pela imaginação infantil:

Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro — mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda. Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quase imperceptíveis na catinga, moitas e capões de mato, impenetráveis bancos de macambira — e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente. Esses mundos viviam em paz, às vezes desapareciam as fronteiras, habitantes dos dois lados entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se. Existiam sem dúvida em toda a parte forças maléficas, mas essas forças eram sempre vencidas. E quando Fabiano amansava brabo, evidentemente uma entidade protetora segurava-o na sela, indicava-lhe os caminhos menos perigosos, livrava-o dos espinhos e dos galhos. (2007, p. 58)

A fuga da realidade aparece até mesmo em Baleia, conforme o trecho já mencionado na introdução, que descreve justamente o momento de morte da cachorra: atormentada pela doença e sacrificada pelo próprio dono, ela deseja acordar num mundo repleto de preás, uma espécie de “versão canina” do paraíso⁵.

Pelo que foi dito acima, podemos associar essa tendência evasivista dos personagens humanos e de Baleia a uma concepção idealista do desejo, que o compreende enquanto *falta*. Com efeito, quando o desejo é encarado dessa forma, como falta de um objeto, a evasão pela fantasia (e a apatia que dela pode decorrer) torna-se quase inevitável:

[...] quando se reduz a produção desejante a uma produção de fantasma, contentamo-nos em tirar todas as consequências do princípio idealista que define o desejo como uma falta, e não como produção, produção “industrial”. Clément Rosset diz muito bem: sempre que se insiste numa falta que faltaria ao desejo para definir o seu objeto, “o mundo se vê duplicado por um outro mundo, seja qual for, segundo este itinerário: o objeto falta ao desejo; logo, o mundo não contém todos os objetos, falta-lhe pelo menos um, o do desejo; logo, existe um objeto, alhures, que contém a chave do desejo (um, que falta ao mundo)”. (2010, p. 43).

Se tanto o devir não humano quanto a forma idealista do desejo contribuem para reforçar o conformismo de Fabiano e de sua família, podemos dizer, novamente utilizando o vocabulário de Deleuze e Guattari, que eles os desterritorializam para novamente reterritorializá-los. Em outras palavras, se tanto o devir quanto a produção de fantasmas deslocam Fabiano e sua família para um território diferente do habitual (seja ele o mundo cotidiano da fazenda ou o mundo da opressão social e da seca), eles acabam por fazê-los retornar a esse mesmo território⁶, já que o desejo não se expressa para transformar a realidade em que estão, mas apenas para criar uma realidade paralela (um “mundo duplicado”, conforme os termos de Clément Rosset, citado por Deleuze) à realidade sofrida do presente. Assim, eles permitem apenas desterritorializações relativas,

⁵ Na carta a Heloísa citada no início do artigo, Graciliano menciona esse episódio como uma espécie de símbolo da condição humana e de nossa tendência a fugir da realidade má pela projeção de um mundo ideal: “O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. [...] [N]o fundo, todos somos como a minha Baleia e esperamos preás” (apud MIRANDA, 2004, p. 42).

⁶ Como pontua Zourabichvili (2004, p. 23), o conceito de “território” deve ser entendido no sentido etológico, e não político ou geográfico, embora implique o espaço: “[...] ele circunscreve, para cada um, o campo do familiar e do vinculante, marca as distâncias em relação a outrem e protege do caos. O investimento íntimo do espaço e do tempo implica essa delimitação, inseparavelmente material [...] e afetiva (fronteiras problemáticas de minha ‘potência’).”

que remetem para uma reterritorialização do que Deleuze e Guattari denominam como “segmentaridade dura”:

A segmentaridade torna-se dura, na medida em que todos os centros ressoam, todos os buracos negros caem num ponto de acumulação — como um ponto de cruzamento em algum lugar atrás de todos os olhos. O rosto do pai, do professor primário, do coronel, do patrão se põem a redundar, remetendo a um centro de significância que percorre os diversos círculos e repassa por todos os segmentos. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 87)

Porém, caberia perguntar se essa é a única forma de manifestação do devir não humano e da relação com o desejo de Fabiano e de sua família. Como procuraremos demonstrar a seguir, o devir não humano dos personagens, longe de ser simplesmente positivo ou negativo, é, para falar com mais precisão, ambivalente, assim como a relação deles com o desejo, que se modifica no último capítulo do romance.

3. O outro lado do devir e do desejo

No capítulo “Fabiano”, o personagem homônimo apresenta uma ambivalência ao afirmar sua condição, ora definindo-se como humano, ora como bicho:

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: - Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. (2007, p. 18-19)

Definindo-se como “bicho”, Fabiano mostra que isso não era apenas sinal de sua submissão aos “brancos”, mas também se torna motivo de orgulho, pois lhe dava condições de resistir aos reveses da seca. Da mesma forma, ele não apenas devém-animal, mas também devém-catingueira e baraúna e afirma seu desejo ativo de viver, apesar das dificuldades: “Olhou as quipás, os mandacarus e os xique-xiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados na terra.” (p. 19). Bem diferente é a situação de seu Tomás da

Bolandeira, que, apesar de ter a posse da cultura letrada⁷, “não podia aguentar verão puxado”:

Lembrou-se de seu Tomás da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da bolandeira. Por quê? Só se era porque lia demais. Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: - “seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros.” Pois viera a seca, o pobre do velho, tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole. Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele não podia aguentar verão puxado. (2007, p. 22)

Isso significa que o devir não humano também é uma forma de *resistência* e não apenas de resignação apática: “para Fabiano, sentir-se animal, em sua situação de vida, representava resistência, superioridade a muitos humanos que falecem ante as adversidades do meio.” (SANDRINI; SOARES, 2015, p. 457). Como os animais e plantas, ele possui uma relação vital com a terra, o que significa dizer que ele pode também abandoná-la para procurar outras terras melhores, quando ela não permite mais a manutenção da vida: “Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se.” (2007, p. 118). Daí também o caráter *positivo* do nomadismo de Fabiano: embora seja resultado de uma estrutura social retrógrada, o latifúndio, “que o impede de vincular-se definitivamente à terra” (COUTINHO, 1978, p. 106), ele também permite a criação de outras possibilidades de existência. É o que vemos principalmente no último capítulo de *Vidas secas*, em que mudar de terra é, também, mudar de vida:

Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catinga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam à saudade que ataca os sertanejos na mata. Então eles eram bois para morrer tristes por falta de espinhos? Fixar-se-iam muito longe, adotariam costumes diferentes. (2007, p. 123)

Nesse sentido, o devir-animal também permite uma desterritorialização que não é simplesmente a reterritorialização no mundo da seca, mas numa outra terra. E é justamente o desejo por essa *outra* terra e pelas novas condições de vida que ela

⁷ Para Graciliano, a posse da linguagem não é simplesmente positiva (permitindo, por exemplo, a Fabiano articular suas ideias e sua revolta, conforme apontamos anteriormente), pois ela também pode ser instrumento de opressão. Assim, em *Vidas secas* as palavras da gente da cidade são “inutéis e talvez perigosas” (p. 20) e aquelas dos homens sabidos “só serviam para encobrir ladroeiros” (p. 98). A esse respeito, comenta Alfredo Bosi: “Contudo, o que dá alcance revolucionário à sua visão [de Graciliano Ramos], que poderia passar por ilustrada e progressista apenas, é a desconfiança alerta que alimenta também em relação ao discurso do ‘civilizado’. Se a voz do iletrado é pobre e partida, a do letrado é oca, se não perigosa.” (2003, p. 25). Isso comprova a ambivalência dos traços associados ao humano (como a linguagem), assim como a ambivalência dos traços associados aos não humanos, que não podem ser simplesmente associados a uma condição “primitiva” e “submissa” dos personagens, conforme argumentaremos nesta seção do artigo.

supostamente implica que põe o grupo em marcha, graças às intervenções de sinha Vitória. Com efeito, a esposa de Fabiano não consegue aceitar o “silêncio de morte” (p. 120) da caatinga e, por isso, resolve falar. É a partir da linguagem que ela consegue estimular Fabiano e, com isso, anuncia uma nova maneira de articular o desejo, não mais como “fantasia compensadora”, mas como luta por uma outra vida, por uma outra terra, onde poderiam, enfim, “ser gente”:

E talvez esse lugar para onde iam fosse melhor que os outros onde tinham estado. Fabiano estirou o beijo, duvidando. Sinha Vitória combateu a dúvida. Por que não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira? Fabiano franziu a testa: lá vinham os despropósitos. Sinha Vitória insistiu e dominou-o. Por que haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos? Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. (2007, p. 122-123)

Estimulado pelas palavras de sinha Vitória, que tornam a travessia mais suportável, Fabiano caminha em direção a essa terra misteriosa: “As palavras de sinha Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era.” (2007, p. 127). Essa terra desconhecida, que Fabiano não sabia nem como era nem onde era, é como uma miragem que põe o grupo em movimento: “Nenhum caminho leva a caravana a alcançar sua miragem — mas essa miragem é o que a põe em marcha: imagem mesma do desejo que move o mundo.” (HOLANDA, 1992, p. 54). O fantasma, é certo, ainda está presente, mas orienta uma produção desejantes que não é apenas psíquica, mas *real*. Em outras palavras, o fantasma não estimula mais a evasão e sim um movimento *na* realidade, a fuga para *fora* da caatinga.

Isso implica duas mudanças importantes na narrativa: a primeira é uma mudança no sentido do tempo. Seguindo o tempo cíclico da natureza e da seca ao qual os personagens estão presos, a narrativa assume, até certo ponto, essa mesma dimensão circular:

Vidas secas começa por uma fuga e acaba com outra. Decorre entre duas situações idênticas, de tal modo que o fim, encontrando o princípio, fecha a ação num círculo. Entre a seca e as águas, a vida do sertanejo se organiza, do berço à sepultura, a modo de retorno perpétuo. Como os animais atrelados ao moinho, Fabiano voltará sempre sobre os passos, sufocado pelo meio. (2006, p. 67)

Dizemos “até certo ponto” porque, seguindo Luís Bueno, pensamos que a clausura do círculo não é absoluta, pois, no último capítulo, ela cede lugar a uma narrativa em

espiral. É esboçada, dessa forma, a possibilidade de sair da caatinga, mediante a migração para a cidade:

Apesar da seca, que fecha um ciclo, o final da trajetória daquele período bom específico ensaia um movimento para além do ciclo de sucessivas secas. Ao invés de desenhar um ciclo fechado, o tempo, ao final do romance, acaba tomando a forma de espiral que volta ao ponto inicial do círculo anterior numa dada dimensão, mas noutra se distancia dele. (BUENO, 2006, p. 663)

A nova terra para a qual se dirigem Fabiano, sinha Vitória e os dois meninos não é certamente uma mítica “terra prometida”, uma terra utópica que os libertaria da opressão, mas um território onde eles ainda estariam presos:

Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, *ficariam presos nela*. (2007, p. 127-128, grifos nossos).

A opressão permanece e a reterritorialização na segmentaridade dura continuam, mas num outro nível. Não apenas o ambiente da caatinga é superado, mas a relação com o desejo muda: não se trata mais de fuga do real, mas de ação no real. A resistência torna-se, assim, reexistência, pois é resistindo que Fabiano e sua família podem criar novas formas de vida para continuarem lutando.

Referências

BOSI, Alfredo. Céu, inferno. In: _____. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2003.

BUENO, Luis. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

COUTINHO, Carlos Nelson. Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sonia (org.). *Graciliano Ramos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: _____. *Crítica e clínica*. São Paulo: 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2010.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: 34, 1995, vol. 1.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: 34, 1996, vol. 3.

HOLANDA, Lourival. *Sob o signo do silêncio: Vidas secas e O estrangeiro*. São Paulo: Edusp, 1992.

MIRANDA, Wander Melo. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Publifolha, 2004.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 102. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

RAMOS, Málder Dias. O silêncio em *Vidas Secas*. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; GAMA-KHALIL, Marisa Martins; ALVES JUNIOR, José Antônio (orgs.). *Análise do discurso na literatura: rios turvos de margens indefinidas*. São Paulo: Claraluz, 2009.

SANDRINI, Elizabete Gerlânia Caron; SOARES, Luis Eustáquio. O pensamento rizomático de Fabiano do romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. *Contexto: revista do Programa de Pós-graduação em Letras*. Vitória, n. 27, pp. 445-464, 2015.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1990.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.